

Philip Rucker e Carol Leonnig

Um gênio muito estável

A ameaça de Donald Trump à democracia

TRADUÇÃO

Cassio de Arantes Leite

Denise Bottmann

Leonardo Alves

Renato Marques



PARTE QUATRO

17. Diplomacia da granada de mão
18. A resistência vinda de dentro
19. Teleton do terror
20. Um diplomata desagradável
21. Instinto acima do cérebro

PARTE CINCO

22. Eixo de facilitadores
23. Lealdade e verdade
24. O relatório
25. O espetáculo continua

Epílogo

Agradecimentos

Notas

Sobre os autores

Créditos

Para John, Elise e Molly — vocês são tudo para mim
Para Naomi e Clara Rucker

Nota dos autores

Fazer a cobertura jornalística da presidência de Donald Trump tem sido uma jornada vertiginosa. Histórias surgem a cada hora, todos os dias. A cada evento importante que registrávamos, percebíamos que a história estava se desenrolando diante de nossos olhos e tínhamos poucas chances de fazer um balanço. Sempre surgia mais alguma coisa depois. Então decidimos apertar o pause. Queríamos fazer uma análise mais aprofundada do que nossas reportagens diárias permitiam, entender o que estava acontecendo de fato nos bastidores e avaliar as reverberações para o país.

Este livro é baseado em centenas de horas de entrevistas com mais de duzentas fontes, incluindo funcionários do alto escalão do governo, amigos e conselheiros externos do presidente, além de outras testemunhas dos eventos aqui descritos. A maioria das pessoas que cooperaram com nosso projeto concordou em falar abertamente apenas sob anonimato, fosse para proteger sua carreira no governo ou por temer retaliação do presidente ou de seus aliados. Muitas de nossas fontes relataram suas experiências no background, o que significa que fomos autorizados a usar as informações que nos revelaram contanto que protegêssemos suas identidades. Muitas de nossas entrevistas foram gravadas.

Somos jornalistas objetivos, que procuram compartilhar a verdade com o público. Neste livro, nossa intenção é fornecer a versão mais próxima da verdade que fomos capazes de estabelecer com base em um

rigoroso trabalho de reportagem. Reconstruímos cuidadosamente as cenas para revelar o presidente Trump sem filtros, em ação, em vez de dizer aos leitores o que pensar a respeito dele. As cenas reunidas aqui são baseadas em relatos de primeira mão e, sempre que possível, corroboradas por múltiplas fontes e respaldadas por nossa análise de agendas, registros em diários, memorandos internos e outras correspondências entre figuras-chave, bem como gravações de imagens privadas. Os diálogos talvez nem sempre sejam exatos, mas se baseiam nas lembranças dos eventos de várias pessoas e, em muitos casos, em anotações feitas por testemunhas por ocasião dos eventos. Em alguns casos, as fontes discordaram substancialmente acerca dos fatos de determinado episódio, o que, quando necessário, salientamos nestas páginas, reconhecendo que diferentes narradores por vezes se recordam de maneira diferente dos mesmos eventos.

Este livro resulta do prolongamento de nosso trabalho de reportagem para o *Washington Post*. Dessa forma, alguns dos detalhes de nossa narrativa foram publicados pela primeira vez em matérias que escrevemos para o jornal, ocasionalmente em colaboração com outros colegas. No entanto, em sua grande maioria, as cenas, os diálogos e as citações aparecem pela primeira vez neste livro e se baseiam na extensa investigação jornalística que realizamos exclusivamente para ele.

Para reconstruir episódios que se desenrolaram em público, recorreremos a vídeos de eventos, incluindo discursos presidenciais, muitos dos quais estão arquivados no site do canal de TV a cabo C-SPAN. Também contamos com reportagens recentes de uma gama de diferentes publicações. Além disso, utilizamos como fontes os registros oficiais do governo, incluindo o relatório produzido pelo procurador especial Robert S. Mueller III. Na maioria dos casos, complementamos

as informações de conhecimento público com nossa própria pesquisa original e autoral. O material garimpado desses relatos recebe os devidos créditos, com uma referência direta no texto ou nas notas finais.

Tentamos entrevistar o presidente Trump para este projeto e entramos em contato com ele pela primeira vez nos estágios iniciais de nossa apuração. Em um telefonema, Trump disse a Philip Rucker que gostaria de se sentar para uma entrevista. “Pode vir. Você vai fazer uma entrevista justa”, disse Trump. Então acrescentou: “Eu vou fazer. Eu vou fazer. Eu vou fazer. Eu gostaria de ter um livro decente. Você é uma pessoa séria. Então, isso é bom”. Nos meses seguintes, à medida que intensificava sua guerra contra a mídia, Trump recusou, por meio de um assessor, a oportunidade de nos conceder uma entrevista e dar sua própria versão dos eventos descritos neste livro.

Prólogo

“Só eu posso consertar as coisas.”

Em 21 de julho de 2016, em Cleveland, ao aceitar a indicação do Partido Republicano para a candidatura à presidência, Donald John Trump falou mais de 4 mil palavras, mas essas seis logo iam se tornar o princípio pelo qual ele iria liderar o país.

Naquela noite, Trump ficou sozinho no centro da Quicken Loans Arena, em um palco elevado que ele mesmo ajudou a projetar. Atrás pairava um gigantesco telão emoldurado em ouro, projetando uma imagem ampliada de Trump junto com 36 bandeiras americanas. Era uma manifestação masculina, com iluminação LED, de sua autoimagem. Seu discurso foi sombrio e distópico. Trump se ofereceu ao povo americano como sua única esperança de renovação e redenção. No passado, outros indicados à corrida presidencial expressaram humildade, exaltaram valores compartilhados e convocaram seus compatriotas a se unir para realizar o que só poderiam alcançar juntos. Trump, ao contrário, falou na primeira pessoa do singular.

“*Eu sou sua voz.*”

“*Eu serei um paladino. Seu paladino.*”

“Ninguém conhece o sistema melhor do que *eu*, e é por isso que só *eu* posso consertar as coisas.”

Seria fácil demais confundir o primeiro mandato de Trump com o puro e desenfreado caos. Sua presidência seria alimentada pelo solipsismo. Desde o momento em que prestou juramento assegurando

defender a Constituição e se empenhar em servir à nação, ele governou em larga medida para proteger a si mesmo e se autopromover. No entanto, no dia a dia, lutando para sobreviver, tentando se manter à tona em meio ao fluxo ininterrupto de notícias, havia um padrão e um significado na desordem. A estrela guia de Trump era a perpetuação de seu próprio poder, mesmo quando isso significou pôr em risco nossa instável democracia. A confiança do povo no governo americano, já debilitada por anos de disfunção política polarizadora, sofreu um golpe baixo.

Dezenas de milhões de americanos estavam zangados, sentindo-se esquecidos pelos burocratas de Washington, ridicularizados pelas elites liberais e humilhados por uma economia global que acelerou para além de suas habilidades e condenou seus filhos a ser a primeira geração de americanos a ter condições de vida piores que as de seus pais. Trump coroou a si mesmo como o defensor dessas pessoas. Ele prometeu “Tornar a América Grande de Novo”, um mantra brilhante, que agrada a todos e é aplicável a diversas situações, através do qual um segmento do país pôde canalizar suas frustrações. Esses americanos imaginaram um país no qual os regulamentos não estrangulam os negócios da família, os impostos não são tão onerosos e empregos bem remunerados são abundantes e seguros. Alguns também recuaram no tempo para relembrar a década de 1950, vislumbrando uma nação mais simples e próspera, em que patriarcas brancos ditavam as regras, mulheres recatadas cuidavam do lar e do círculo familiar e as minorias eram subservientes ou ficavam em silêncio.

O presidente Trump era o incansável pugilista daqueles que queriam Tornar a América Grande de Novo. Ele não se preocupou em selecionar cuidadosamente um grupo de líderes para ajudá-lo a

governar. O espalhafatoso promotor de eventos e astro de reality show acreditava ser capaz de administrar o governo dos Estados Unidos da mesma maneira como comandava sua empresa de incorporação imobiliária de uma suíte no 26º andar da Trump Tower, fiando-se em seus próprios instintos para aproveitar oportunidades, avaliar o poderio de concorrentes e derrubar adversários.

No entanto, a temeridade do próprio Trump prejudicou sua capacidade de cumprir suas promessas de campanha. Desde o início, ele compôs grande parte do círculo de influência de sua administração com um punhado de novatos, paus-mandados e puxa-sacos. Essa inexperiência coletiva exacerbou os problemas, desperdiçou capital político e desmoralizou os servidores públicos realmente comprometidos. O valor universal do governo Trump era a lealdade — não ao país, mas ao presidente. Alguns de seus assessores acreditavam que a exigência de Trump por lealdade cega — e sua retaliação àqueles que a negassem — estava lentamente corrompendo o serviço público e colocando à prova os limites da própria democracia.

Dois tipos de pessoas foram trabalhar para o governo: aqueles que pensavam que Trump estava salvando o mundo e aqueles que pensavam que o mundo precisava ser salvo de Trump. Estes últimos, que por vezes se sentiam atraídos pelo charme dele, eram profissionais experientes e capazes, que se acharam na obrigação de emprestar ao presidente sua erudição e seu conhecimento especializado. No entanto, com o passar dos meses, Trump exauriu os “adultos responsáveis” com, de acordo com eles próprios, sua futilidade, falta de decoro e ilegalidade das ideias e diretrizes. Um a um, esses homens e mulheres renunciaram, frustrados, ou foram sumariamente demitidos pelo presidente. Ele engatou um ciclo ininterrupto de traições, rompendo e reparando

relacionamentos, de modo a constantemente manter os assessores do governo fora do eixo e garantir assim sua supremacia. Algumas dessas pessoas agora soltam suspiros à distância do presidente que esperavam guiar, com a percepção de que restam menos vozes sábias para atenuar os impulsos de Trump. Lamentam um presidente que estimulava ressentimentos comezinhos, era viciado em assistir à cobertura telejornalística dele mesmo, promovia bajuladores e sucumbia com sofreguidão a deslavadas mentiras.

Trump cumpriu em parte sua promessa de ser uma granada humana, para arrasar e refazer Washington. Ele enfraqueceu o Estado regulador, reforçou a fiscalização das fronteiras e reformou o Judiciário federal, inclusive com duas indicações à Suprema Corte – medidas que eram pautas prioritárias para sua base política conservadora.

Trump também transformou a postura comercial da nação, enfraquecendo acordos multilaterais que a seu ver permitiam a países menores tirar vantagem dos Estados Unidos, e forjando novos pactos bilaterais em termos mais favoráveis. Ele herdou do presidente Obama uma economia em crescimento e a manteve funcionando a todo vapor, mesmo quando os economistas previram em meados de 2019 uma possível queda.

Como Trump amiúde faz questão de lembrar a seus críticos, ele tem sido um presidente como nenhum outro. Desafiou o estado de direito e sacudiu alianças estrangeiras, desprezando setenta anos de relações com outras democracias ao mesmo tempo que encorajou ditadores e déspotas. Questionou a própria identidade da nação como um refúgio para pessoas de todas as raças e credos ao não silenciar os supremacistas e fanáticos brancos entre seus seguidores e, vez por outra, empregando sua própria retórica racista. Ele tratou maldosamente subordinados e

oficiais militares e ordenou a detenção de famílias de imigrantes. Rompeu limites por razões significativas e insignificantes, nefastas e inócuas. Para ele, tudo o que importava era vencer.

O ego de Trump o impediu de fazer julgamentos sensatos e esclarecidos. Ele assumiu a presidência com tanta certeza de que seu conhecimento era o mais completo e seus fatos eram absolutos que ignorou a comprovada competência dos experientes profissionais de carreira nos quais presidentes anteriores haviam confiado. Isso representou uma total rejeição do modelo de governo dos Estados Unidos, o que alguns de seus conselheiros concluíram ter origem em uma profunda insegurança. “Em vez de seu orgulho se basear em tomar uma boa decisão, ele se fundamenta em saber a resposta certa desde o início”, disse um alto funcionário do governo.

Quando os próprios analistas de inteligência de Trump apresentavam-lhe fatos, ele às vezes alegava o ardil de conspirações. O presidente se recusou a reconhecer plenamente que a Rússia tentou ajudá-lo a vencer as eleições de 2016, apesar das evidências conclusivas. Tentou frustrar a investigação do Departamento de Justiça sobre a interferência eleitoral da Rússia, e tentou fazer com que Robert Mueller, nomeado procurador especial, fosse destituído. No entanto, Trump escapou de ser acusado de um crime, apesar da convicção de vários promotores federais de que, se ele fosse qualquer outra pessoa que não um presidente no exercício do cargo, aquilo estaria fadado a acontecer.

Essas são conclusões a que chegamos depois de quase três anos de reportagem sobre a presidência de Trump. Elas refletem as experiências e opiniões de vários funcionários graduados que serviram em seu governo, viveram sua disfunção e agora temem os danos que sua

administração inflige ao país. Essas pessoas nos levaram pela primeira vez às entranhas de alguns dos momentos mais controversos e decisivos da presidência de Trump.

De certo modo, nunca um presidente americano foi tão acessível e transparente quanto Trump. Ele telegrafou seus estados de ânimo e transmitiu publicamente suas desavenças em postagens diárias, às vezes de hora em hora, no Twitter. Revelações de bastidores dando conta de tumultos e ilegalidades se espalharam diariamente. Denunciantes se ergueram nos cantos escuros da burocracia federal para trazer à luz a corrupção e a improbidade. O estado de espírito do presidente era óbvio para qualquer um. Mas o significado mais amplo e talvez mais estarrecedor dos eventos do primeiro mandato de Trump, além do ciclo diário de notícias, ainda não foi esclarecido.

“Servi o homem por dois anos. Acho que ele é um perigo imediato e no longo prazo para o país”, disse-nos um alto funcionário da Segurança Nacional.

Outro funcionário graduado do governo declarou: “O cara é completamente louco. A história de Trump: um presidente com instintos horríveis e um gabinete de alto escalão brincando de enxugar gelo”.

Em sua maioria, as autoridades que conversaram conosco o fizeram sob a condição de anonimato, para evitar retaliações de Trump e sua equipe ou porque, movidos por um código de honra, sentiram-se obrigados a não criticar publicamente um presidente no exercício do cargo. Às vezes, funcionários do alto escalão do governo decidem cooperar com autores de livros para acertar as contas ou gerar um resultado político, e certamente algumas de nossas fontes se enquadram nessa categoria. No entanto, descobrimos que a motivação de muitas

delas era contar a verdade em benefício da história. Algumas queriam explicar com precisão os momentos que haviam sido distorcidos pelo presidente e por seus manipuladores, ou facilmente esquecidos, ou, em alguns casos, mantidos em segredo até agora.

Os defensores de Trump disseram que aqueles que temem sua presidência estão totalmente errados. O que outros viram como imprudência para eles era a coragem de tomar decisões. Os trumpistas ressaltaram que todas as noites na televisão os críticos do presidente denunciavam o fim da democracia tal qual a conhecíamos, mas na manhã seguinte o sol ainda nasceu.

Não há heróis perfeitos em nosso livro. Robert Mueller, talvez o maior antagonista de Trump, era um impecável modelo de integridade desde seus tempos como comandante de pelotão no Vietnã até sua diretoria do FBI, mas saiu com alguns arranhões de dois anos de trocas de golpes com Trump. Na avaliação de muitos colegas procuradores, Mueller foi superado em astúcia pelo presidente.

Enquanto isso, os líderes mundiais estavam constantemente se ajustando para reagir aos caprichos de Trump. Os aliados tinham pouca fé no que os diplomatas americanos diziam, porque as declarações deles poderiam ser anuladas por um tuíte de Trump a qualquer momento. Presidentes e primeiros-ministros estrangeiros viviam aterrorizados com as temeridades em que ele poderia embarcar em nome do lema A América em Primeiro Lugar.

“Esse cara é o homem mais poderoso do mundo”, disse Gérard Araud, embaixador francês nos Estados Unidos nos primeiros dois anos da presidência de Trump. “Tudo o que ele faz e decide pode ter consequências muito, muito terríveis para nós, então estamos todos em modo controle de danos.” Antecipando-se à primeira cúpula importante

de Trump com colegas estrangeiros, a reunião do Grupo dos Sete de maio de 2017 em Taormina, Sicília, seus conselheiros ofereceram aos outros governos dicas de controle de danos: não mostrar arrogância e encher Trump de elogios. Os conselhos também valeriam para lidar com um adolescente difícil – um adolescente muito sensível e irritadiço, comentou Araud. “Então você tinha seis adultos tentando não o melindrar, diante de alguém que não conhece restrições nem limites. Ser o adulto responsável é aguentar a birra da criança e não a levar a sério.”

O título deste livro toma de empréstimo palavras do próprio Trump. Em janeiro de 2018, quando ele se aproximava do fim de seu primeiro ano no cargo, estava em curso uma discussão nacional sobre a aptidão de Trump para o cargo – especificamente, sua acuidade mental e saúde psicológica. Em 6 de janeiro, pouco antes do nascer do sol, Trump tuitou que a mídia estava “tirando da gaveta o antigo manual de jogadas Ronald Reagan e bradando estabilidade mental e inteligência”.

“Na verdade, ao longo da minha vida, minhas duas maiores qualidades foram a estabilidade mental e o fato de ser, tipo, realmente inteligente”, continuou ele. “A trapaceira Hillary Clinton também já apelou para isso com todas as forças dela e, como todos sabem, fracassou por completo. Eu passei de um homem de negócios MUITO bem-sucedido para estrela de TV e para presidente dos Estados Unidos (na minha primeira tentativa). Acho que isso qualificaria alguém não como inteligente, mas gênio... e um gênio muito estável!!”

Trump evocou a expressão “gênio estável” outras quatro vezes pelo menos. Em uma reunião de cúpula da Otan em julho de 2018, rotulou a si mesmo como “um gênio muito estável” ao tentar desconsiderar a pergunta de um repórter sobre se reverteria seu apoio à organização

depois de ir embora do encontro em Bruxelas. Em um furor de tuítes na manhã de julho de 2019, os quais cobriam toda sorte de temas, das primárias democratas para definir o candidato presidencial ao juramento de fidelidade à bandeira, Trump escreveu sobre si mesmo: “O que vocês têm agora, tão bonito e inteligente, é um verdadeiro gênio estável!”. Em uma manhã de sábado em setembro de 2019, Trump citou a si mesmo tuitando: “Um gênio muito estável! Obrigado”. E, em outubro de 2019, enquanto defendia sua conduta em um telefonema com o presidente ucraniano, Trump comentou: “Há aqueles que pensam que sou um gênio muito estável, tá legal? Eu escolho com muito, muito cuidado minhas palavras”.

Os críticos concluíram zombeteiramente que qualquer homem que se sente compelido a anunciar ao mundo que é um gênio estável nada tem de estável ou de gênio; no entanto, os íntimos de Trump sugeriram uma interpretação diferente. “Ele realmente tem características geniais”, disse Thomas Barrack, amigo e parceiro de negócios de longa data de Trump, que comandou o comitê da cerimônia de posse do presidente. “Como todos os sábios, ele tem diferenciais que às vezes as pessoas gostariam que não existissem. Pode não ter a elegância treinada ou encenada de um Obama, a postura diplomática de um Kennedy ou a amabilidade régia de um Reagan, mas tem um tipo de brilhantismo e carisma que é único, raro e cativante, embora às vezes seja incompreendido. Quando fala cara a cara com alguém ou se dirige a uma multidão, você acredita que é a única estrela na galáxia dele... ele é um guerreiro genial.”

Muitos observadores próximos de Trump viram seu suposto gênio como algo muito mais destabilizador. Um deles foi Peter Wehner, que atuou nas administrações de Ronald Reagan, George H. W. Bush e

George W. Bush. Crítico de primeira hora de Trump, Wehner foi um dos primeiros republicanos que, sem rodeios, alertou publicamente sobre a inaptidão psicológica dele para ser presidente. Na primavera de 2019, Wehner ficou verdadeiramente perturbado com o que estava testemunhando.

“Ele é uma personalidade transgressora, então gosta de atacar, destruir e desconcertar as pessoas”, disse Wehner. “Se vir uma instituição que acredita que não está obedecendo a suas ordens, que não o protege como ele quer ou que seja uma ameaça para ele, ele vai para cima. A comunidade de inteligência, porque não disse o que ele queria ouvir. O Departamento de Justiça, porque não estava fazendo o que ele queria fazer. A Organização do Tratado do Atlântico Norte, porque ele acha que não pagam o suficiente... a imprensa é ‘o inimigo do povo’. Portanto, ele não tem nenhum respeito pelas instituições, pelo papel que desempenham, por sua importância, e se deleita em destruí-las.”

Wehner apontou para o filósofo e estadista britânico Edmund Burke, que em seu panfleto de 1790, *Reflexões sobre a revolução na França*, escreveu que a “mão mais rude” de qualquer multidão poderia aniquilar uma instituição, mas reconstruí-la a partir dos escombros seria muito mais difícil. “A raiva e o frenesi derrubam mais em meia hora do que a prudência, a deliberação e a previsão logram construir em cem anos.”

O que se segue é um relato cronológico da vaidosa busca de poder de Trump em seu primeiro mandato, buscando dar sentido às coisas ao encontrar padrões no aparente caos. Há fúria e frenesi, mas também momentos de coragem e perseverança. A narrativa tem o objetivo de revelar Trump da maneira mais nua e crua possível e desmascarar o modo como a tomada de decisões em seu governo tem sido norteadada pela lógica egoísta e irrefletida de um homem – mas ainda assim uma

lógica. Esta é a história de como Trump e seus conselheiros, aos trancos e barrancos, sobreviveram e colocaram à prova a força da democracia americana e o coração dos Estados Unidos como nação.

PARTE UM

1. Blocos de montar

Em 9 de novembro de 2016, o presidente eleito Donald Trump começou a escolher sua equipe. Como jamais esperava realmente vencer, ele estava despreparado. Trump priorizava a lealdade acima de tudo; assim, instintivamente, ele e sua família sabiam quem seria o primeiro cavaleiro nomeado: Michael Flynn.

Flynn, um general de divisão da reserva, era um respeitado oficial de inteligência. No entanto, seus ex-colegas o rejeitaram por uma lista de detalhes que incluíam retórica islamofóbica, chamegos com a Rússia e outros adversários estrangeiros, e confiança em fatos inconsistentes e afirmações dúbias. Nada daquilo importava para Trump.

Durante a campanha, Flynn fora um dos poucos homens envergando estrelas nos ombros disposto a dar respaldo a Trump. Sua lealdade era tão intensa que na Convenção Nacional Republicana ele puxou um coro anti-Hillary Clinton conclamando a plateia a entoar “Prendam ela!”, o que deixou mortificados seus irmãos das Forças Armadas e da inteligência, que acreditavam que ele estava alavancando seu status de ex-oficial militar condecorado para fomentar elementos mais perigosos da sociedade. No entanto, aquilo fez com que caísse nas graças de Trump. Flynn tornou-se indispensável para o presidente, sussurrando em seu ouvido que não podia confiar na maioria dos funcionários da inteligência, mas nele, sim. Flynn foi astuto o suficiente para também ganhar a amizade da família de Trump, incluindo Jared Kushner, seu ambicioso genro, homem sem experiência em política ou relações

exteriores, mas que agia como o estrategista político de Trump e seu interlocutor com governos estrangeiros.

No dia seguinte à eleição, o bajulador *consigliere* recebeu sua recompensa em uma reunião de transição no 26º andar da Trump Tower. Ivanka Trump, a filha mais velha do presidente eleito, e o marido dela, Kushner — que ajudaram a supervisionar algumas das nomeações de alto escalão no novo governo —, deixaram claro para Flynn que ele poderia escolher qualquer cargo que quisesse.

“Ah, general Flynn, você tem sido muito leal a meu pai”, disse Ivanka com sua característica voz ofegante. E acrescentou algo como: “O que quer fazer?”.

Don McGahn franziu a testa com alguma surpresa. Ele tinha sido o advogado da campanha de Trump e agora estava na fila para se tornar conselheiro da Casa Branca. Não tinha nada pessoal contra Flynn. Na verdade, nem sequer o conhecia. Mas outros na sala notaram o descontentamento de McGahn, que parecia pensar: “É realmente assim que vamos fazer as coisas?”.

Alguns dos presentes podiam acreditar que as pessoas estavam sendo nomeadas para cargos importantíssimos de maneira tão indiscriminada e irresponsável. Na visão de Steve Bannon, diretor executivo da campanha eleitoral de Trump que também estava ingressando no governo, Ivanka era a princesa com a espada, dando uma leve batidinha no ombro de Flynn. McGahn e Bannon, longe de serem aliados, compartilhavam da crença de que aquela era uma receita para atos impróprios e, muito possivelmente, desastres.

A transição disfuncional e a esmo foi um presságio para a administração. Trump supervalorizou a gestão de marca e a imagem em detrimento da competência fundamental. Ele e muitos de seus

conselheiros não tinham experiência com o serviço público e, portanto, tinham pouca consideração por sua ética e suas normas. Em vez de seguir à risca os ditames de uma agenda ideológica, toda a operação foi guiada pelos instintos e caprichos de Trump.

O sonho de Flynn era ser conselheiro de Segurança Nacional. Kushner, que imaginava que teria um papel na Ala Oeste como uma espécie de secretário de Estado paralelo — interagindo com líderes estrangeiros, negociando a paz no Oriente Médio e assumindo as rédeas de relações importantes como China e México —, calculou que empregar Flynn como chefe de gabinete do Conselho de Segurança Nacional daria a si próprio a liberdade de manobra que queria. Assim, o desejo de Flynn foi atendido. Levaria mais oito dias para o anúncio de sua nomeação, mas tudo foi decidido em 9 de novembro.

Ninguém se preocupou em submeter Flynn a uma avaliação. Não houve uma análise de seu mandato como chefe de inteligência militar dos Estados Unidos no Afeganistão, que havia sido objeto de uma investigação de desvio de conduta. Nem do período em que atuou como diretor da Agência de Inteligência de Defesa, que o presidente Obama havia abreviado abruptamente. Nem de sua empresa de consultoria internacional e de seus contratos com empresas alinhadas ao Kremlin. Tampouco de sua participação em um jantar de gala de Moscou em 2015 como convidado da Rússia, sentado à mesa presidencial de Vladimir Putin.

Flynn usara a campanha de Trump como um “trem da alegria”, na esperança de melhorar seu estilo de vida após 33 anos de salários militares relativamente baixos. Ao mesmo tempo que assessorava o candidato, Flynn trabalhava para o governo turco e, segundo investigadores federais, vinha ocultando a natureza desse acordo. No dia

das eleições, Flynn publicou um artigo de opinião no jornal *The Hill* em que alardeou a causa do presidente turco Recep Tayyip Erdogan ao comparar seu oponente político, Fethullah Gülen, exilado nos Estados Unidos, a Osama bin Laden. Flynn pediu que os Estados Unidos expulsassem Gülen do país, atordoando seus ex-colegas nas comunidades de inteligência e segurança nacional.

Chris Christie, o governador de Nova Jersey que havia endossado Trump e era o chefe formal da transição presidencial, ficou perplexo quando o presidente eleito lhe disse que nomearia Flynn conselheiro de Segurança Nacional.

“Você não pode fazer isso”, disse Christie. “Primeiro, você precisa ter um chefe de gabinete e deixar que seu chefe de gabinete decida isso, porque o conselheiro de Segurança Nacional prestará contas ao chefe de gabinete. E Flynn é simplesmente a escolha errada. Ele é uma escolha horrível.”

“Você só não gosta dele”, respondeu Trump.

“Bem, você está certo”, disse Christie. “Eu não gosto dele. Quer saber por quê?”

“Quero”, disse Trump.

“Porque ele vai causar problemas pra você”, respondeu Christie. “Pode acreditar em mim.”

Trump não queria ouvir mais nada sobre Flynn. Ele instruiu Christie a descer as escadas até o 14^o andar, onde da noite para o dia a sede da campanha havia se transformado em um centro de comando de transição. Christie tinha um governo para montar.

Mais tarde naquela mesma semana, Christie foi demitido por Trump. Tecnicamente, quem o mandou embora foi Bannon, dizendo que agia sob ordens de Kushner, mas Trump havia permitido a dispensa. Quem

o substituiu como chefe da equipe de transição foi o vice-presidente eleito Mike Pence. Onze anos antes, quando era promotor federal em Nova Jersey, Christie tinha mandado o pai de Jared, Charles Kushner, mandachuva dos negócios imobiliários da família, para trás das grades por sonegação de impostos, intimidação de testemunhas e contribuições ilegais a campanhas. O caso humilhou a família Kushner e deixou uma impressão duradoura no jovem Jared.

Em 10 de novembro, Trump estava 370 quilômetros ao sul em Washington, visitando Obama na Casa Branca. Obama ficara perturbado com a vitória de Trump, mas menos de 48 horas após a eleição, de acordo com a tradição americana de transferências pacíficas de poder, deu boas-vindas a seu sucessor no Salão Oval e lhe ofereceu alguns conselhos. Duas coisas que o 44^o presidente disse permaneceram com o 45^o: que a Coreia do Norte era o maior desafio da política externa e a maior ameaça à segurança; e que ele não deveria nomear Flynn.

Obama alertou pessoalmente Trump contra a escolha, porque a seu ver o julgamento de Flynn era dúbio e suas motivações eram indignas de confiança. Obama exonerou Flynn da Agência de Inteligência de Defesa em 2014, em meio a queixas no órgão de que ele não tinha foco ou o temperamento adequado para aquilo. Mais tarde, Trump contou aos assessores que Obama chamou Flynn de instável e mau-caráter, crítica que o presidente eleito descartou.

Trump encarou as dez semanas da transição como uma seleção de elenco para uma nova temporada do programa *O Aprendiz*, o reality show da NBC que o tornara um nome conhecido. Dia após dia, pelas portas giratórias emolduradas em dourado da Trump Tower na Quinta

Avenida entravam políticos, líderes empresariais e celebridades, que desfilavam pelo saguão rumo a suas visitas com hora marcada. Eles estavam lá para se candidatar a cargos na administração, para obter favores do presidente eleito ou simplesmente para conseguir uma fatia do bolo. “Era como entrar no bar de Jabba, o Hutt, em *Star Wars*”, disse com desdém um dos conselheiros de Trump. “Nunca se sabia quem ia surgir pela porta.” O presidente eleito adorava inflar seus índices de audiência e foi rápido em entender como a presidência poderia beneficiar sua marca pessoal e seus negócios. Ele realizou entrevistas de emprego e reuniões de transição não entre as quatro paredes do edifício federal em Washington fornecido para esse fim, mas na Trump Tower, no Trump National Golf Club em Bedminster (Nova Jersey) e em Mar-a-Lago (Palm Beach, Flórida).

Nos ritmos tumultuados e desestruturados da transição, um trio de figuras poderosas da campanha fazia manobras na disputa pelo maior naco de influência: Kushner, Bannon e Reince Priebus. Kushner gozava de status elevado por ser genro de Trump, ao passo que Priebus e Bannon haviam sido nomeados desde cedo chefe de gabinete da Casa Branca e estrategista-chefe da Casa Branca, respectivamente – um arranjo singular no qual ambos estavam em pé de igualdade no topo do organograma.

Trump convocou Priebus, que havia sido presidente do Comitê Nacional Republicano (CNR), em parte como um presente de agradecimento aos soldados de infantaria e à organização estado por estado que o CNR construía para Trump de modo a compensar o quase inexistente trabalho de corpo a corpo junto aos eleitores que caracterizou sua campanha. Com boas conexões em Washington,

Priebus era considerado pelos líderes do Partido Republicano o mais capaz entre os assessores de Trump.

Bannon, por sua vez, era inconsequente, grosseiro e desgrenhado. Ele havia provado sua lealdade nas trincheiras com Trump durante o período mais difícil da campanha. Já havia sido diretor executivo do site conservador Breitbart e se apresentara a Trump como o canal essencial para sua base indispensável, que ele carinhosamente chamava de “os deploráveis”, em referência à infame gafe de Hillary Clinton sobre a “cesta de deploráveis de Trump... machistas, homofóbicos, xenófobos, islamofóbicos – você escolhe”.

Priebus começou a distribuir cargos a ex-funcionários do CNR e outras figuras de confiança em importantes funções da Ala Oeste, enquanto ele, Bannon e Pence se concentraram nas posições do gabinete. Desde cedo deram especial atenção às funções de segurança nacional e estavam de olho em Mike Pompeo para comandar a CIA. Pompeo fora eleito para o Congresso como republicano pelo Kansas na onda do Tea Party de 2010 e, quando chegara a Washington, rapidamente se estabeleceu como um conservador linha-dura e um agressivo defensor das causas do partido. Do seu assento no Comitê Permanente de Inteligência da Câmara, perseguira Hillary Clinton por causa de Benghazi, fazendo da então secretária de Estado o alvo favorito do Breitbart.¹

Embora conhecesse Priebus, Bannon e Pence havia anos, Pompeo era um estranho no ninho no mundo de Trump. De fato, fizera uma vigorosa campanha contra Trump nas primárias como substituto de Marco Rubio. Durante o *caucus*² de 5 de março no Kansas, Pompeo havia advertido que Trump seria “um presidente autoritário, que ignora

nossa Constituição” e pedido aos seus companheiros do Kansas para “apagar as luzes do circo”.

Mas agora Pompeo estava ansioso para se juntar ao circo. Bannon sabia que seria difícil vender um congressista de um estado pequeno que ele considerava “um guerreiro de guerreiros” como um potencial diretor da CIA para as elites que ele apelidara de “a galera do *Morning Joe*”,³ dados os ataques de Pompeo no caso Benghazi. Mas Pompeo queria o emprego.

Em 16 de novembro, Pompeo viajou a Nova York para se encontrar com o presidente eleito. Priebus descreveu de antemão para Trump as credenciais de Pompeo, e Bannon animou o próprio Pompeo com um discurso motivacional, dizendo-lhe algo como: “Vamos entrar, vou reiterar que você é o número 1 da sua classe na West Point, o número 1 da sua turma na Faculdade de Direito de Harvard, o melhor sujeito que a inteligência já teve. Vou te deixar na cara do gol – não espere até ele dizer qualquer coisa. Você apenas arrebenta. Não espere por uma pergunta, porque ele não vai fazer. Ele nem sabe o que é a inteligência. Apenas detone”.

A reunião transcorreu às mil maravilhas. Depois que outros encheram a bola de Pompeo diante do chefe, ele próprio falou sobre a reestruturação da CIA. Ele e Trump trocaram figurinhas sobre os problemas do acordo nuclear com o Irã. Por ser formado em direito em Harvard e egresso da prestigiosa academia militar West Point, Pompeo atendia com facilidade ao quesito das credenciais de primeira linha. Ex-capitão do Exército, musculoso e parrudo, sabia como usar seu corpanzil nas interações com outras pessoas e tinha a imagem imponente e durona que Trump desejava. Antes mesmo do término da reunião, o cargo já era de Pompeo. Trump apertou sua mão, virou-se

para Bannon e Priebus e disse: “Eu amo isso. Vamos fazer isso”. Dois dias depois, Pompeo foi formalmente anunciado como o indicado de Trump ao cargo de diretor da CIA. Pompeo ia se tornar um dos membros mais respeitados do governo, mas Trump ofereceu a ele a diretoria da Agência Central de Inteligência com base em uma única entrevista.

Trump lidou com a formação da equipe do governo como uma seleção de elenco e procurou “o visual certo”, uma fixação em consonância com os concursos de beleza que outrora havia realizado. Para posições de segurança nacional, tendia a escolher generais. Para papéis de comunicação voltados à relação com o público, queria mulheres atraentes. Como embaixadora dos Estados Unidos nas Nações Unidas, ele escolheu a dedo Nikki Haley, em parte porque ela era filha de imigrantes de ascendência indiana. Para Trump, um dos atributos mais importantes para qualquer candidato a emprego era a capacidade de fazer boa figura na televisão.

“Não esqueça, ele é um cara do showbiz”, observou Christopher Ruddy, amigo de Trump e executivo-chefe do Newsmax. “Ele gosta de pessoas que saibam se apresentar muito bem e fica muito impressionado quando alguém tem reputação de bom desempenho na televisão, porque acha que é um meio muito importante para as políticas públicas.” Ruddy acrescentou: “O visual pode não ser necessariamente de alguém que deveria estampar a capa da *GQ* ou da *Vanity Fair*. Tem mais a ver com a aparência, o comportamento e a arrogância”.

Em 6 de dezembro, Trump anunciou formalmente James Mattis, general da reserva do Corpo de Fuzileiros Navais, como seu escolhido para assumir a Secretaria de Defesa, tirando proveito de sua aparência máscula e de seu histórico de combates. Ele confidenciou a assessores

que estava especialmente encantado pelo apelido que Mattis, na esfera privada, detestava. “O Cachorro Bravo não brinca, certo?”, disse Trump diante de uma ruidosa multidão ao anunciar a nomeação de Mattis em um comício em Fayetteville, na Carolina do Norte. Ele chamou ao palco um relutante Mattis e o saudou como “a coisa mais próxima do general George Patton que temos”, referindo-se ao lendário comandante da Segunda Guerra Mundial interpretado pelo falecido George C. Scott na cinebiografia de 1970, um dos filmes favoritos de Trump.

Embora Trump tenha ficado fascinado com a aparência física de Mattis e seu apelido de machão, a indicação do general foi tranquilizadora para o establishment da segurança nacional. Pelo menos haveria uma figura experiente e firme no Pentágono. Posteriormente, ao entrevistar candidatos para cargos de alto escalão no Pentágono, Mattis perguntava: “Você aguenta o tranco e consegue ser leal?”. O que ele realmente queria dizer era: você é capaz de continuar dando apoio a Trump, apesar de todos os seus defeitos? Mattis sabia que seria uma presidência controversa.

Na transição, o processo oficial de verificação de requisitos e antecedentes variou de mínimo a inexistente, dependendo do candidato. O mais importante na pesquisa da carreira e do currículo de cada pessoa era uma revisão de reportagens e contas de redes sociais para verificar se ela alguma vez dissera algo depreciativo sobre Trump. Um consultor sênior do presidente eleito lembrou: “As pessoas preencheram a papelada no avião a caminho da cerimônia de posse... bem, tanto fazia. Ninguém nem sequer parou para pensar na transição até literalmente o primeiro dia de trabalho”.

“No hóquei”, acrescentou esse mesmo funcionário graduado, “você pode perder o joelho se jogar com muita gente inexperiente. E era essa a

sensação ali.”

Nos bastidores, Rick Gates, que havia trabalhado como vice do diretor de campanha Paul Manafort, estava organizando a cerimônia de posse. Gates e Manafort eram lobistas parceiros de longa data, especializados em representar governos estrangeiros em esquemas obscuros. Quando Manafort foi demitido da campanha em agosto de 2016, Trump imaginou que seu número 2 sairia de cena junto com ele. Trump detestava Gates e desconfiava dele, em parte devido a uma reação tóxica que teve a uma pesquisa que o outro havia encomendado. Trump não gostou dos resultados da pesquisa, de acordo com os quais sua popularidade estava baixa, e achou que Gates desperdiçara dinheiro da campanha ao pagar a um instituto de pesquisa por aquela porcaria. “Gates me dá arrepios”, disse Trump a algumas pessoas próximas.

Mas Gates contava com um poderoso defensor em Thomas Barrack, que presidia a comissão responsável pela cerimônia da posse presidencial. Trump não fazia ideia de que, na surdina, Gates ajudava Barrack a organizar as festividades, até que uma noite, no meio da transição, o presidente eleito ouviu sem querer sua esposa Melania falando sobre ele. Ao mesmo tempo, Johnny McEntee, de 26 anos, assistente pessoal de Trump, havia chegado à cobertura para levar ao presidente eleito um sanduíche para o jantar. Na sala de estar, Melania e Stephanie Winston Wolkoff, uma amiga da futura primeira-dama que ajudou a planejar os eventos da cerimônia, estavam sentadas em um sofá conversando sobre os planos para o evento. Trump entrou na sala para pegar seu sanduíche com McEntee no momento em que ouviu Melania dizer o nome de Rick.

“Rick? Que Rick?”, ele perguntou à esposa.

“Rick Gates”, respondeu ela.

Trump perdeu a cabeça. Começou a berrar.

“Que porra você está fazendo?”, perguntou ele.

Trump decidiu demitir Gates na mesma hora. Virou-se para McEntee e disse: “Johnny, fale com a Melania para se inteirar das coisas. Você é o diretor executivo”.

A julgar por todos os relatos, McEntee era um excelente assessor pessoal. Desde que ingressou na campanha antes das primárias, ele passava a maior parte das horas de seu dia ao lado de Trump. Cuidava do chefe, era leal à família dele e não vazava nada para os jornalistas. McEntee era boa-pinta ao estilo de Hollywood, exatamente o tipo de imagem que Trump procurava projetar. Era também atlético, tendo jogado como quarterback dos Huskies, time da Universidade de Connecticut, e até se tornara uma sensação do YouTube graças a um vídeo viral com truques e dicas de arremesso.

No entanto, McEntee não tinha nenhuma experiência na administração de uma cerimônia de posse presidencial. Tratava-se de uma operação de 107 milhões de dólares, e não era apenas uma grandiosa celebração da eleição de Trump, mas uma projeção para o país dos valores e metas de governo do novo presidente. Algumas horas, depois que Barrack convenceu Trump a reverter sua impulsiva decisão e tolerar Gates por mais um tempo, McEntee voltou a ser o ajudante pessoal e chegaria a se mudar com Trump para Washington.

O presidente eleito desconsiderava completamente a ética de governo e a lei. Ivanka e Kushner estavam ansiosos para deixar sua marca em Washington e atuar na Ala Oeste, papel que a seu ver daria lustro às marcas pessoais que eles tinham cultivado com tanto esmero em Nova York. Alguns conselheiros de Trump viam aquilo como uma

manobra arriscada, que certamente suscitaria brados de nepotismo e criaria um ambiente de trabalho insustentável. No entanto, mesmo antes da posse, ninguém se julgava em condições de dizer “não” para as crianças — entre alguns colegas da Ala Oeste, Ivanka e Kushner eram chamados simplesmente assim, “as crianças”.

“Há algumas ocasiões na vida em que, se você atira, é melhor que seja para matar. Sei que ninguém se esforçou de verdade para impedir que as crianças entrassem na Ala Oeste”, lembrou um desses colegas. “Os dois estavam determinados a ir para lá, e não havia nada que se pudesse fazer a respeito. Acho que todo mundo entendeu isso.”

Os advogados da Casa Branca estavam preocupados com a possibilidade de que os interesses comerciais de Ivanka criassem enormes lodaçais éticos. Além de sua empresa no ramo da moda, ela estava envolvida no Trump International Hotel em Washington, que poderia facilmente entrar em conflito direto com o papel dela na Casa Branca.

O presidente tinha a mais ampla autoridade para nomear seus parentes para integrar a equipe da Casa Branca. As leis antinepotismo impedem um presidente de nomear membros da família apenas para funções em “agências federais”, de acordo com uma decisão do Escritório de Consultoria Jurídica do Departamento de Justiça. Ivanka estava imaginando para si mesma um papel que quebrava as normas. Ela queria tratamento especial e procurava ser imune a todas as complicadas regras para cargos no governo, as quais ela pensou poder contornar tornando-se uma conselheira “voluntária” informal, sem receber salário.

Até mesmo Trump tinha sentimentos ambivalentes sobre se era uma boa ideia para sua filha e seu genro acompanhá-lo até a cidade que ele ridicularizava como um pântano. “Por que vocês querem se matar e ir

para Washington, D.C., e ser fuzilados por todos esses assassinos da mídia?”, perguntou Trump em voz alta a alguns de seus conselheiros. Mas Trump também não podia dizer “não” às crianças. Ele queria a família por perto.

À medida que a cerimônia de posse se aproximava, Trump demonstrava não confiar totalmente em todos os assessores que estava contratando. Não sabia se estavam indo trabalhar para ele como trumpistas devotos ou se era simplesmente um meio para arranjar um emprego na Casa Branca, o melhor empregador possível no currículo de qualquer pessoa atuando no meio político. As suspeitas de Trump regularmente manifestavam-se em público, inclusive uma noite pouco antes do Natal em Mar-a-Lago, o resort privativo de Trump em Palm Beach. Em 19 de dezembro, o dia em que os eleitores do Colégio Eleitoral foram certificados, oficializando a vitória de Trump, ele comemorou durante o jantar com sete de seus principais assessores: Priebus, Bannon, o vice-gerente de campanha Dave Bossie, a consultora de comunicação Hope Hicks, o consultor sênior de políticas Stephen Miller, o diretor de mídia social Dan Scavino e a vice de Priebus, Katie Walsh. Os oito estavam sentados ao redor da mesa. Quando a conversa se voltou para assuntos pessoais, Trump salientou para a equipe a importância da lealdade. Enquanto examinavam candidatos a vários empregos, o presidente eleito perguntou repetidamente: “Ele é leal? Ela é leal?”.

Trump passou a semana entre o Natal e o Ano-Novo em Mar-a-Lago, acompanhado por um reduzido núcleo de assessores-chave. Na manhã de 29 de dezembro, quando o presidente eleito desfrutava de uma partida de golfe em um de seus campos próximos, a CNN

interrompeu a programação para exibir uma notícia de última hora: a Casa Branca anunciava retaliação contra a Rússia. O governo Obama decidira punir a Rússia por interferir nas eleições de 2016, fechando dois complexos de edifícios russos nos Estados Unidos e expulsando do país 35 diplomatas suspeitos de espionagem.

Trump ficou furioso quando soube da notícia. A seu ver, uma coisa eram os conselheiros e aliados de Clinton acusarem a Rússia de se intrometer nas eleições; ele simplesmente poderia acusar os democratas de não saber perder. Mas a ação retaliatória por parte do governo dos Estados Unidos confirmava efetivamente que a Rússia havia interferido nas eleições — e isso, acreditava Trump, suscitava dúvidas sobre sua própria vitória.

“Eles estão tentando deslegitimar sua presidência”, disse Bannon ao presidente.

Trump se sentiu ofendido pelo fato de que a administração Obama estivesse deixando como herança para a nova equipe uma agressiva bofetada na Rússia — uma significativa manobra de política externa — sem nem sequer consultá-lo.

“No dia anterior, em Washington, Obama assinou a ordem de sanções com planos de anunciá-la no dia seguinte, mas alguns meios de comunicação informaram na noite de 28 de dezembro que uma retaliação contra a Rússia era esperada para breve. Também naquela noite, o embaixador russo Sergei Kislyak recebeu um alerta sobre as sanções do Departamento de Estado. Confuso e chateado, ele entrou em contato com a equipe de Trump. Kislyak mandou uma mensagem para Flynn em 28 de dezembro: “Pode me ligar de volta quando for conveniente?”.

Flynn estava passando a semana de festas de fim de ano com sua esposa em um resort na República Dominicana. O sinal de celular era errático lá, por isso ele só viu a mensagem de texto do embaixador no dia seguinte, mais ou menos no momento em que o governo Obama anunciou as sanções. Antes de ligar de volta para Kislyak, Flynn quis verificar a situação com a equipe de transição em Mar-a-Lago. Conversou por cerca de vinte minutos com seu vice, K. T. McFarland, que estava no clube privativo de Trump em Palm Beach com o próprio presidente eleito. Flynn e McFarland examinaram a medida punitiva do governo Obama contra os russos e concordaram que poderia prejudicar os objetivos de Trump de cultivar um melhor relacionamento com Putin. McFarland colocou Flynn a par do consenso entre a equipe em Mar-a-Lago: eles esperavam que a Rússia não agravasse a escalada de tensão respondendo na mesma moeda à agressiva decisão de Obama.

Imediatamente depois de encerrar a conversa com McFarland, Flynn ligou para Kislyak e pediu que o Kremlin não apelasse para o “toma lá dá cá”. Flynn assegurou ao embaixador que o governo que agora assumia provavelmente reveria as sanções, e que era possível que as revogasse. Ele levantou a possibilidade de marcar uma reunião com Trump mais tarde, tão logo todos estivessem na Casa Branca.

Ao se comunicar com Kislyak sobre a política dos Estados Unidos antes de Trump tomar posse, Flynn estava solapando o governo vigente e violando os padrões de diplomacia. Os diálogos foram instantaneamente captados e armazenados pelo enorme aparato de escuta da Agência de Segurança Nacional, que rotineiramente examina importantes autoridades do governo e ajuda o FBI a monitorar espiões suspeitos a serviço de potências estrangeiras hostis.

Apesar do dramático evento da evacuação dos complexos de edifícios russos, a reação de Putin no dia seguinte, 30 de dezembro, foi inesperadamente calma. “Não criaremos problemas para os diplomatas dos Estados Unidos”, ele disse. “É lamentável que o governo Obama esteja terminando seu mandato dessa maneira. Todavia, ofereço minhas felicitações de Ano-Novo a ele e a sua família”, disse Putin. “Boas-festas também ao presidente eleito Donald Trump e ao povo americano.”

O tom de Putin surpreendeu John Brennan, diretor da CIA, e James R. Clapper, diretor da Inteligência Nacional. À época, nenhum deles sabia das garantias secretas de Flynn e da solicitação de Kislyak. Algumas autoridades dos Estados Unidos se perguntaram se Putin estava brincando com os americanos. No entanto, ele nunca atacou. Nessa mesma tarde, Trump espantou a equipe de Obama, que estava de saída da Casa Branca, com este tuíte: “Grande jogada de protelação (de V. Putin). Sempre soube que ele era muito inteligente!”.

Em 6 de janeiro, Brennan, Clapper, James Comey, diretor do FBI, e Michael Rogers, diretor da Agência de Segurança Nacional, viajaram para Nova York a fim de informar Trump, Pence e seus principais assessores sobre a ampla campanha russa para influenciar a eleição de 2016 em favor do candidato republicano e semear a discórdia por meio de ataques cibernéticos e infiltração em redes sociais. Durante essa infame reunião na Trump Tower, o presidente eleito rejeitou o que não confirmava sua opinião. Não era como um comandante em chefe prestes a assumir a presidência deveria agir.

Quando a reunião de noventa minutos terminou, Comey e Trump pediram a todos que saíssem da sala para poder conversar a sós. O diretor do FBI mencionou um dossiê obscuro, uma compilação já bastante divulgada de relatórios de inteligência escritos pelo ex-espião

britânico Christopher Steele. Comey mencionou que o material alegava que os russos haviam filmado Trump interagindo com prostitutas em Moscou em 2013. Trump imediatamente negou as acusações, bufando: “Não havia prostitutas”. Também argumentou que ele não era o tipo de homem que precisava “descer a esse nível”. Trump elogiara Comey por ter reaberto a investigação sobre os e-mails de Hillary Clinton na reta final da campanha de 2016, mas agora tinha dúvidas sobre em qual time ele realmente estava. A desconfiança de Trump com a comunidade de inteligência só cresceu quando, logo após a reunião na Trump Tower, as agências publicaram seu relatório detalhando a campanha de ingerência da Rússia nas eleições. Isso enfureceu Trump. Ele concluiu que o establishment da segurança nacional jamais o respeitaria e estava determinado a sabotar sua presidência.

Com relação ao papel da Rússia nas eleições de 2016, havia três questões centrais a ser enfrentadas pelas autoridades de inteligência dos Estados Unidos. A primeira: o próprio governo russo havia interferido? Eram esmagadoras as evidências mostrando que sim. A segunda: a Rússia tentou de fato ajudar Trump a vencer? Muitas das evidências sugeriam que sim. Por fim: os esforços da Rússia mudaram o resultado das eleições? Os líderes da inteligência argumentaram que não tinham a capacidade de dar uma resposta cabal. Mas Trump acreditava que admitir a intervenção russa efetivamente manchava sua vitória.

Nos dias seguintes à reunião de inteligência de 6 de janeiro, Priebus, Kushner e outros conselheiros imploraram a Trump que reconhecesse publicamente a conclusão unânime a que os chefes de espionagem haviam chegado. Eles realizaram intervenções improvisadas no escritório de Trump no 26º andar, ocasiões em que tentaram convencê-lo de que ele poderia afirmar a validade das informações da inteligência

sem invalidar ou mesmo diminuir sua vitória. “Isso fazia parte do processo de normalização”, explicou um conselheiro. “Houve um tremendo esforço para fazê-lo ser um presidente-padrão.”

Mas Trump se entrincheirou. Toda vez que seus conselheiros o pressionavam a aceitar a inteligência, ele ficava mais agitado. Vociferava que os líderes da comunidade de inteligência eram enganosos e indignos de confiança. “Não posso confiar em ninguém”, dizia. Nesse aspecto, foi apoiado por Bannon, que acerca do relatório da Rússia afirmou: “É tudo baboseira”. O presidente eleito disse acreditar que admitir que o Kremlin havia hackeado e-mails dos democratas seria “uma armadilha”.

Em 11 de janeiro, apenas nove dias antes da posse, Trump realizou uma entrevista coletiva no saguão de mármore rosa da Trump Tower. Seus conselheiros pediram mais uma vez que ele aceitasse a avaliação da comunidade de inteligência, e Trump, de má vontade, concordou. “Quanto aos hackers, acho que foi a Rússia”, disse Trump aos jornalistas. “Mas acho que também somos hackeados por outros países e outras pessoas.” No entanto, Trump também acusou sem provas as agências de inteligência de vazar o dossiê de Steele para o BuzzFeed, que publicou o material obsceno em 10 de janeiro. “Isso é algo que a Alemanha nazista teria feito e fez”, afirmou. “Acho uma desgraça que informações que são falsas, inverídicas e nunca aconteceram sejam divulgadas ao público.”

Logo após o término da coletiva, porém, Trump disse a seus assessores que se arrependia de ter aceitado as descobertas sobre os hackers russos. “Não sou eu”, afirmou ele a seus assessores. “Não foi certo.”

1. Comitê que em 2016 investigou o assassinato do embaixador norte-americano Christopher Stevens e de três outros compatriotas em Benghazi, na Líbia, em um ataque à missão dos Estados Unidos em 2012, durante o período de Hillary Clinton como secretária de Estado. (N. T.)
2. Assembleias de cidadãos que debatem quem é o melhor candidato do partido nas prévias eleitorais. (N. T.)
3. Em referência ao programa jornalístico matutino da MSNBC. (N. T.)

2. Paranoia e pandemônio

Antes de sua posse, o presidente eleito não sabia que o FBI estava secretamente conduzindo uma investigação de contrainteligência sobre Michael Flynn. Tão logo soube, isso plantaria sementes de paranoia que germinariam e se enraizariam durante sua presidência. Os investigadores estavam examinando se Flynn havia traído os Estados Unidos atuando como um agente do governo russo. Por meio de uma comunicação interceptada, autoridades da inteligência tiveram conhecimento de que Flynn havia feito uma ligação secreta para o embaixador russo Sergei Kislyak em 29 de dezembro de 2016, a fim de consultá-lo sobre as sanções de Obama, telefonema sobre o qual ele mais tarde mentiria.

O vice-diretor do FBI, Andrew McCabe, alertou a procuradora adjunta interina Mary McCord para a ligação de 3 de janeiro de 2017. Ele enfatizou o óbvio: as conversas de Flynn eram especialmente perturbadoras dado o papel que ele ocupava na equipe que entrava na Casa Branca. Trump está prestes a se tornar presidente, e Flynn será seu conselheiro de Segurança Nacional, disse McCabe. Agora, os chefes deles, James Comey e a procuradora-geral em exercício Sally Yates, tinham que ponderar sobre o quanto deveriam compartilhar com o presidente acerca do alcance do segredo de Flynn. Enquanto debatiam, eles foram atropelados por uma nova sucessão de eventos.

Em 12 de janeiro, o fato de Flynn ter telefonado secretamente para Kislyak em 29 de dezembro apareceu em uma coluna do *Washington*

Post escrita por David Ignatius, embora ele não tenha revelado o teor da conversa. Um alto funcionário dos Estados Unidos descreveu a reação atônita dentro do Departamento de Justiça: “Todo mundo ficou, tipo: ‘Que porra é essa? Como é que isso já vazou?’”.

Horas depois, a equipe de Trump — ainda sem ter noção sobre a ligação interceptada nas mãos do FBI — repetiu a mentira de Flynn. Na noite de 12 de janeiro, o porta-voz da transição, Sean Spicer, insistiu que Flynn não conversou com Kislyak sobre sanções. “A ligação girou em torno da logística para marcar uma conversa telefônica entre o presidente da Rússia e o presidente eleito depois que ele fosse empossado”, disse Spicer. Então, em 15 de janeiro, o vice-presidente eleito Pence negou categoricamente que Flynn e Kislyak tivessem discutido as sanções. “Foi estritamente uma coincidência que tenham tido uma conversa”, disse Pence em uma entrevista no programa de notícias *Face the Nation*, da CBS. “Eles não discutiram nada relacionado à decisão dos Estados Unidos de expulsar diplomatas ou impor censura contra a Rússia.”

Yates ficou alarmada. Se Pence estava dizendo o que ele pensava ser a verdade, ela sabia que significava que haviam mentido para o vice-presidente — e que os russos também sabiam. A mentira de Flynn levou a um cabo de guerra entre Yates e Comey. Ela queria alertar Trump de que seu conselheiro de Segurança Nacional estava comprometido, mas Comey não queria revelar preocupação com Flynn até que eles tivessem mais fatos. Em conformidade com o modo como ele havia lidado com a investigação dos e-mails de Hillary Clinton, no fim das contas Comey acabaria decidindo fazer o que queria.

Yates acreditava que já passava da hora de alertar Trump da mentira de Flynn, mas Comey estava tentando convencer as autoridades de

inteligência de que fazer aquilo colocaria em risco a investigação. Em 19 de janeiro, na noite anterior à posse de Trump, o tempo se esgotou. “A essa altura eles estão de smoking”, queixou-se um dos assistentes de Yates enquanto a equipe de Trump se reunia para comemorar na icônica estação ferroviária de Washington. “Eu simplesmente não vejo como jogar essa merda em cima dele hoje à noite. Como se um dia a mais ou a menos fosse mudar alguma coisa.”

Em 20 de janeiro, Trump fez o juramento, assumiu o cargo e tentou se ajeitar em sua nova vida como presidente. Ele estava apreensivo por se mudar para Washington, uma cidade na qual tinha muitos adversários, um número bem menor de aliados e nenhum amigo de verdade. Apesar de sua personalidade extrovertida, Trump era uma pessoa caseira e afeita ao conforto. Tendo baseado sua campanha na ideia de que o país havia sido traído por sua classe política, o presidente, agora o homem mais poderoso em Washington, não sabia em quem confiar. Ele e seus conselheiros temiam que, a partir do momento em que assumissem o poder, os interesses entrincheirados da capital maquinariam para minar o governo. Na noite de 23 de janeiro, a primeira segunda-feira de sua presidência, Trump ficou cara a cara com os líderes da Câmara e do Senado de ambos os partidos em uma recepção na Casa Branca com os principais funcionários do alto escalão do governo. Em uma mesa comprida da Sala de Jantar do Estado, Steve Bannon, uma das inspirações do discurso sobre a “carnificina americana” de Trump, não conseguia tirar os olhos de Nancy Pelosi. Na líder do Partido Democrata na Câmara, ele viu a Katharine Hepburn do filme *O leão no inverno* — que esquadrinha um a um os convivas à mesa,

pensa consigo mesma: “Esses homens são todos uns palhaços” e planeja seu retorno ao poder.

Pelosi presumiu que Trump abriria a conversa em tom unificador, por exemplo citando os fundadores da nação ou a Bíblia. Em vez disso, o novo presidente começou com uma mentira: “Eu ganhei no voto popular, sabem?”. Ele alegou ter havido uma fraude generalizada, com 3 a 5 milhões de votos ilegais para Hillary Clinton. Pelosi o interrompeu. “Bem, sr. presidente, isso não é verdade. Não há evidências que corroborem o que acabou de dizer. Se vamos trabalhar juntos, temos que admitir certos fatos.” Assistindo a Pelosi desafiar Trump, Bannon sussurrou para os colegas: “Ela vai nos pegar. Assassina total. Ela é uma assassina”.

Em 24 de janeiro, enquanto debatia com sua equipe quem seria a melhor pessoa a contatar na Casa Branca com relação a Flynn, Yates recebeu uma ligação de Comey, que tinha uma surpresa desagradável: agentes do FBI estavam na Casa Branca para entrevistar Flynn. Yates ficou furiosa. Comey, que insistia repetidamente que precisava manter a investigação em sigilo, deixara de notificar o Departamento de Justiça. Yates disse algo no sentido de “Como você pôde tomar essa decisão unilateralmente?”. Comey respondeu que era uma etapa normal da investigação.

No Departamento de Justiça, um alto funcionário lembrou: “A reação que todos tivemos foi: eles vão tentar obter uma declaração falsa, e nós vamos parecer os terríveis da história, como se tivéssemos armado uma arapuca para ele”. Ele também disse: “Tipo, sabíamos disso havia uma semana, não contamos a ninguém, e agora parece uma armação contra o conselheiro de Segurança Nacional, como se o tivéssemos encurralado”.

Finalmente, em 26 de janeiro, Yates perguntou a Don McGahn se poderia reunir-se com ele em seu gabinete na Ala Oeste naquele mesmo dia. Yates expôs o problema da interceptação e explicou que Flynn havia mentido para Pence e que agentes do FBI tinham colhido o depoimento dele sobre sua comunicação com Kislyak. McGahn ouviu, depois fez algumas perguntas. Quis saber principalmente por que uma pessoa mentindo para outra na Casa Branca preocupava o Departamento de Justiça. Yates explicou que Flynn estava vulnerável, porque os russos sabiam a verdade e podiam usar o fato de que o conselheiro de Segurança Nacional havia mentido para chantageá-lo.

Assim que Yates foi embora, McGahn se dirigiu ao gabinete de Reince Priebus, onde encontrou o chefe de gabinete e Bannon. “Flynn disse a vocês que o FBI esteve aqui para conversar com ele no início da semana?”, perguntou ele.

Priebus e Bannon se entreolharam surpresos, depois voltaram a McGahn.

“Do que está falando?”, quis saber Bannon.

“Você só pode estar de gozação”, disse Priebus. “Isso é algum tipo de brincadeira?”

“Bem, o FBI esteve naquele gabinete na terça-feira”, disse McGahn, referindo-se à suíte do conselheiro de Segurança Nacional no fim do corredor.

“Não faz nem uma semana que estamos aqui”, disse Bannon.

Em seguida, McGahn foi ao Salão Oval para alertar Trump. O presidente ficou bastante perplexo. Flynn não contara à equipe de liderança sênior de Trump que havia sido entrevistado pelo FBI sobre suas ligações com o embaixador russo, mas o presidente não expressou preocupação com o fato de que tivesse mentido para Pence. O que o

incomodou foi Yates questionar os motivos de Flynn – e, por extensão, as decisões pessoais dele próprio, o presidente. Trump disse algo no sentido de “Estamos aqui apenas há quatro dias e já estão questionando nosso cara?”.

Em 27 de janeiro, sem consultar seu Departamento de Justiça ou informar totalmente seu secretário de Segurança Interna, Trump emitiu um decreto proibindo cidadãos e refugiados de sete países de maioria muçulmana de entrar nos Estados Unidos. O caos reinou em grandes aeroportos internacionais, e advogados de imigração entraram com petições de emergência pedindo aos tribunais federais para intervir de modo a interromper a aplicação do veto, argumentando que era inconstitucional.

A proibição foi elaborada em segredo por Bannon e Stephen Miller, que aos 31 anos de idade era o conselheiro sênior de política de Trump e um oponente linha-dura da imigração ilegal. Eles não consultaram McGahn ou Yates sobre o arcabouço legal da medida. O secretário de Segurança Interna, John Kelly, cujo departamento teve de colocar em prática a proibição, não chegou a ver a versão final do decreto até depois de Trump entregar sua ordem executiva. Kelly estava em um avião quando a proibição entrou em vigor, o que significou que seu vice teve que organizar uma teleconferência de emergência para explicar aos altos funcionários do departamento como o veto seria aplicado sem ter em mãos uma cópia do documento propriamente dito. Os agentes de Alfândega e Proteção de Fronteiras, totalmente confusos com a linguagem das ordens, aplicaram de forma inconsistente uma parte das restrições que mais tarde foi considerada ilegal: proibiram pessoas com green card de voltar para sua casa nos Estados Unidos. Até mesmo os aliados de Trump reconheceram o absoluto desastre.

Na Casa Branca, funcionários que trabalhavam durante o fim de semana ficaram estarecidos com as imagens de pessoas de pele escura sendo recolhidas em aeroportos estrangeiros e escoltadas para longe de filas de embarque de aviões com destino aos Estados Unidos. A saga foi exibida em telas de televisão espalhadas por todo o edifício. “Era como fazer uma reunião no bar Buffalo Wild Wings. Com telas de TV por toda parte”, lembrou um alto funcionário do governo. “Ninguém parecia se dar conta de que aquilo estava sendo feito por pessoas que estavam no governo, naquele governo. As pessoas coçavam a cabeça e diziam: ‘Oi? Por que isso está acontecendo?’.”

Os assessores de Trump culpavam uns aos outros pelo caos. Alguns argumentaram que Priebus e seus assistentes deveriam ter coordenado melhor seu trabalho com o de vários departamentos e se encarregado com mais firmeza das relações públicas. Outros responsabilizaram diretamente Miller.

Em meio à confusão, alguns dos novos indicados de Trump puseram trajes de gala e vestidos de festa para comparecer ao jantar do Alfalfa Club, um encontro anual de elites políticas e de negócios. Era uma noite de sábado, 28 de janeiro, e os trumpistas se misturaram com gente como Bill Gates, Warren Buffett e Jeff Bezos, para citar alguns. Enquanto o embaixador francês Gérard Araud observava os mestres do universo fazendo fila para cumprimentar Kellyanne Conway, a onipresente diretora de campanha de Trump transformada em conselheira da Casa Branca, ele sussurrou para ela: “Esta é a doce fragrância do poder”.

Mas essas elites nunca mereceram a confiança de Trump. Miller compartilhava dessa mentalidade, e mais tarde, durante um jantar na residência de Araud, explicaria ao embaixador que o presidente fora

eleito com o propósito explícito de criar inquietação no establishment. “Este presidente é revolucionário, então ele tem que quebrar a China”, disse Miller. “O escopo e a escala da mudança que buscamos implementar envolverão, por definição, rupturas”, acrescentou ele. “Se seguirmos os procedimentos normais, faremos o jogo de nossos inimigos.”

Na segunda-feira, 30 de janeiro, os assessores de Flynn e da Casa Branca pediram a conversa telefônica interceptada com Kislyak. Yates ligou para McGahn para lhe dizer que os advogados da Casa Branca poderiam ouvir a gravação em uma de suas instalações de informações sensíveis compartimentadas. Separadamente, Yates emitiu um memorando instruindo os funcionários do Departamento de Justiça a não defender o decreto presidencial que barrava a entrada de imigrantes e refugiados, porque ela temia que a proibição fosse inconstitucional. Trump e seus aliados consideraram aquilo um abuso de autoridade e demitiram Yates na mesma tarde. A Casa Branca disse que ela “traiu o Departamento de Justiça ao se recusar a fazer cumprir uma ordem executiva legal concebida para proteger os cidadãos dos Estados Unidos”. A investigação sobre Flynn continuou sem Yates.

Em 2 de fevereiro, o *Washington Post* noticiou um telefonema impertinente cinco dias antes entre o presidente e o primeiro-ministro australiano Malcolm Turnbull. Trump fustigava Turnbull por causa de um acordo existente entre os dois países para a realocação de refugiados e acusava o australiano de tentar exportar para os Estados Unidos “os próximos terroristas do atentado a bomba de Boston”. Trump fumegou: “Este é de longe o pior acordo de todos os tempos”. A Associated Press informou no mesmo dia que ele teve uma conversa igualmente

contundente com o presidente mexicano Enrique Peña Nieto, na qual ameaçou enviar tropas americanas para acabar com os “hombres maus por lá”.

Trump ficou furioso. Ele exigiu que seus assessores arrancassem pela raiz as fontes dos vazamentos e sugeriu que os jornalistas deviam ir para a cadeia. O presidente odiava todos os vazamentos e não fazia distinção entre disputas internas da Ala Oeste e delicadas decisões de segurança nacional. Apesar dos reiterados esforços de seus advogados, Trump não entendia que vazamentos de detalhes pouco lisonjeiros sobre seu hábito de acompanhar assiduamente os noticiários televisivos ou sua limitada compreensão do governo não eram crimes passíveis de punição.

Em 7 de fevereiro, uma equipe de repórteres do *Washington Post* confirmou que Flynn discutira as sanções em seu telefonema de 29 de dezembro com Kislyak. Com aquilo, Pence descobriu que Flynn havia mentido para ele. Nem Trump nem McGahn acharam importante alertá-lo antes. Flynn continuou em seu trabalho, voando naquele fim de semana com Trump para a Flórida para uma reunião de cúpula com o primeiro-ministro japonês Shinzo Abe que seria realizada em Mar-a-Lago.

Em 13 de fevereiro, com todos de volta à Casa Branca, a equipe de Trump debateu o destino de Flynn. Pence disse que estava disposto a deixar o passado de lado e que não faria oposição a ele. Mas Priebus, ainda muito magoado por ter repetido a mentira de Flynn logo no início, insistiu que ele tinha que ir embora. Flynn disse a Trump que sairia de cena discretamente, sem choramingar. Apresentou sua carta de demissão na mesma noite, e Trump a aceitou. A mentira de Flynn não foi a única razão para sua exoneração. O presidente tinha dúvidas

crescentes sobre a aptidão dele para o trabalho e considerava seus briefings digressivos e imprecisos.

O dia seguinte à queda de Flynn era Dia dos Namorados. Chris Christie e sua esposa, Mary Pat, viajaram para Washington para almoçar com Trump. Jared Kushner juntou-se a eles.

“Eu demiti Flynn, então aquela coisa toda da Rússia acabou”, disse Trump, referindo-se à investigação do FBI sobre a interferência eleitoral da Rússia que estava em andamento.

“Sr. presidente, estaremos sentados aqui daqui a um ano falando sobre a Rússia”, disse Christie.

Kushner disse que aquilo era loucura, porque não havia nada em nenhuma daquelas bobagens da Rússia. Christie respondeu que ele próprio era o único entre os presentes que havia conduzido investigações federais, quando era promotor federal em Nova Jersey, e que fora alvo de uma delas, no escândalo de Bridgegate.

“Não existe absolutamente nenhuma maneira de abreviar isso, mas há muitas maneiras de prolongar a coisa toda, então fique em silêncio e ouça seus advogados. A coisa toda será mais curta assim”, disse Christie ao presidente.

Naquele exato momento, Spicer concedia uma coletiva de imprensa, que foi exibida na televisão da sala de jantar privativa de Trump. O presidente, Christie e Kushner assistiram a Spicer puxar o tapete de Flynn. Ele disse aos jornalistas que Trump pedira a renúncia de Flynn devido à “corrosão cada vez maior do nível de confiança como resultado dessa situação, e de uma série de outras instâncias questionáveis”.

Enquanto Spicer continuava se esquivando de perguntas, o telefone de Kushner tocou.

“É o Flynn! É o Flynn!”, murmurou Kushner para Trump e Christie.

Flynn estava enfurecido. Pensara que se saísse em silêncio não seria alvo de injúrias.

“Seja gentil”, instruiu Trump a Kushner. “Seja gentil.”

Kushner disse a Flynn: “Você sabe que o presidente o respeita. Ele se preocupa com você. Vou pedir que publique um tuíte positivo a seu respeito mais tarde”.

A ligação terminou. “Deveríamos tentar ajudá-lo. Ele é um sujeito legal”, disse Kushner a Trump e Christie.

“Pessoas más são como chiclete grudado na sola do sapato”, respondeu Christie. “É muito difícil se livrar delas.”

Trump tinha alguma simpatia por Flynn. Os dois tinham desenvolvido uma amizade genuína ao percorrer juntos os estados em que a disputa eleitoral era mais acirrada. Naquela tarde, no Salão Oval, ao término de reunião de segurança interna, Trump pediu ao diretor do FBI que ficasse para trás a fim de que pudessem conversar a sós. Trump disse a Comey que não acreditava que Flynn tivesse feito algo errado, mas explicou que ainda assim tivera que demiti-lo. Em seguida, pediu leniência, sem demonstrar a menor hesitação enquanto procurava usar seu poder para que um homem leal a ele fosse poupado. “Espero que você esteja disposto a considerar seriamente a possibilidade de deixar isso para lá, de livrar a barra de Flynn”, disse Trump a Comey, de acordo com as anotações que o diretor do FBI fez à época. “Ele é um bom sujeito. Espero que você possa deixar isso para lá.”

Spicer vinha exercendo a função dupla de porta-voz e diretor de comunicação da Casa Branca. Ele estava se afogando, e não apenas por causa do devastador retrato que Melissa McCarthy fazia dele no humorístico *Saturday Night Live*. O antigo porta-voz do Comitê

Nacional Republicano não tinha “o visual” que Trump imaginava para representá-lo na televisão, tampouco tinha o pedigree de renegado que o tornaria um representante natural da insurgência Tornar a América Grande de Novo. Pelas costas, Trump desdenhava das performances de Spicer nas coletivas. “Sean não consegue nem completar uma frase”, dizia Trump a outros assessores. “Temos um porta-voz que não sabe falar.”

Spicer precisava de ajuda, então procurou Michael Dubke, um veterano no meio político que dirigia uma empresa de relações públicas, e pediu que ele fizesse uma entrevista para o cargo de diretor de comunicação. Em 10 de fevereiro, Dubke foi à Casa Branca para se encontrar com Spicer. A história de Flynn ainda estava quente. Spicer estava ocupado demais para conversar com Dubke; então, durante horas o segundo ficou esperando do lado de fora do gabinete do primeiro, próximo à copiadora na área dos principais veículos de imprensa. Ninguém prestou muita atenção a Dubke, exceto o correspondente da NBC Peter Alexander.

“Quem é você, mesmo?”, perguntou Alexander.

Não querendo estragar seu disfarce, Dubke disse: “Sou amigo do Sean... só queria ver como as coisas funcionam por aqui”.

Finalmente, Spicer mandou chamarem Dubke. Eles conversaram por uns vinte minutos sobre o trabalho, e Spicer pediu a Dubke que voltasse no sábado para se reunir com Priebus. Daquela vez, os três homens conversaram por 45 minutos, e Priebus perguntou a Dubke se ele tinha publicado alguma coisa nas redes sociais desancando Trump. Dubke era um profissional discreto que na maior parte do tempo guardava para si suas opiniões. “Não, você não vai encontrar nada meu nesse sentido”, ele assegurou a Priebus.

Em 16 de fevereiro, Dubke voltou para uma entrevista com Trump no Salão Oval. Depois de passar alguns minutos contando ao presidente sobre a empresa que ele havia fundado e sua filosofia de gestão de marca, Trump teve uma ideia. “O que você acha de uma coletiva de imprensa?”, perguntou o presidente.

“Bem, eu decidiria quais são as três mensagens sobre as quais deseja falar, e eu traria o especialista de cada uma das agências para essa conversa”, respondeu Dubke.

“Não, não, não, não, não”, disse Trump. “Hoje. E se fizermos uma hoje?”

Dubke pensou que ele estava brincando, mas o presidente falava sério. Spicer saiu correndo do Oval para começar a colocar as coisas em movimento. Em qualquer governo normal, uma decisão repentina dessas seria vista como loucura. Mas na Casa Branca de Trump era apenas mais uma quinta-feira.

“Sean!”, gritou Trump para Spicer. “Temos que preparar o Salão Leste.”

Em questão de minutos, as visitas à Casa Branca foram canceladas pelo restante do dia para evacuar a residência. Um púlpito e os tripés e equipamentos de câmera foram montados em três horas. Em pouco tempo, especialistas em política administrativa fizeram fila para entrar no Salão Oval e entrevistar Trump; Dubke pairava no canto do salão, com o crachá de visitante pendurado no pescoço.

“Sou Mike Pence”, disse o vice-presidente, apresentando-se.

“Eu sei quem o senhor é. Meu nome é Mike Dubke.”

“E o que está acontecendo?”, perguntou Pence.

“Bem, acho que eles estão se preparando para uma coletiva de imprensa agora”, disse Dubke.

“E o que você está fazendo aqui?”, perguntou Pence.

“Bem”, disse Dubke, “estou em uma entrevista para o cargo de diretor de comunicação.”

Pence riu, em um momentâneo reconhecimento do absurdo.

“E como está se saindo?”, perguntou ele a Dubke.

Não havia objetivo temático para a entrevista coletiva de Trump. O presidente simplesmente queria realizar uma. Trump se postou atrás do púlpito e, durante uma hora e dezessete minutos, ofereceu aos telespectadores, ao vivo em rede nacional de televisão, uma feroz diatribe em forma de fluxo de consciência.

“Eu ligo a TV, abro os jornais e vejo histórias de caos... caos”, disse Trump. “No entanto, é exatamente o oposto. Esta administração está funcionando como uma máquina bem azeitada.”

Era o 27^o dia completo de sua presidência, e Trump estava sem roteiro. O presidente negou a disfunção em um governo que era a olhos vistos definido por isso. No dia seguinte, Dubke foi oficialmente contratado, mas quando começou a trabalhar como diretor de comunicação já sabia que não poderia dirigir Trump. A inaptidão vinha do topo. O presidente se importava mais com a encenação de um show do que com a tarefa mais mundana de governar. Não haveria como refrear os ressentimentos que Trump sentia ou como conter o caos que ele criava. No máximo, aquilo poderia ser gerenciado.

Em 23 de fevereiro, dois renomados membros do gabinete, o secretário de Estado Rex Tillerson e Kelly, lidaram de perto com o desastre gerado por Trump quando viajaram para a Cidade do México com a intenção de resolver um problema que seu chefe havia criado. Tillerson, de 64 anos, ex-diretor executivo da ExxonMobil, e Kelly, de

66 anos, general de quatro estrelas reformado do Corpo de Fuzileiros Navais, eram homens sérios e de substância. Ambos viam seus cargos como o ponto alto de carreiras já brilhantes e haviam concordado em ingressar no governo atendendo a um chamado patriótico, tendo o dever de ajudar um presidente neófito a navegar nas águas de um mundo complicado. No entanto, sua experiência e seu conhecimento pouco importavam no gabinete de Trump.

Tillerson e Kelly vinham tentando amenizar os sentimentos feridos do aliado de longa data dos Estados Unidos depois que Trump ameaçara impor tarifas colossais sobre produtos mexicanos caso o país não concordasse em pagar pela construção do muro na fronteira, sua promessa de campanha. A reunião em Washington entre Trump e o presidente mexicano Enrique Peña Nieto foi adiada às pressas em 26 de janeiro.

Para agravar o desafio que Tillerson e Kelly enfrentavam, havia o fato de que Kushner atuava como interlocutor com o México fora dos limites do Departamento de Estado ou do Conselho de Segurança Nacional. Tal arranjo não só cheirava a nepotismo, mas também minava as linhas de autoridade, criando confusão entre outros funcionários graduados do governo e diplomatas estrangeiros. O ministro das Relações Exteriores do México, Luis Videgaray, cultivou uma amizade com Kushner durante a campanha e, nos conturbados primeiros meses da presidência de Trump, fiou-se nele como um mediador e solucionador de problemas.

Na Cidade do México, em 26 de fevereiro, justamente quando Tillerson e Kelly julgavam ter alcançado um momento de harmonia e unidade em reuniões cara a cara com seus colegas mexicanos, Trump mostrou ao mundo quem estava no comando. No que havia se tornado

uma nova e alarmante tendência na Casa Branca, o presidente deixava as câmeras filmando enquanto falava de improviso nas reuniões. Em uma reunião às dez e meia da manhã com duas dúzias de executivos americanos na Sala de Jantar do Estado, Trump elogiou a decisão de seu governo de lançar uma “operação militar” para deportar criminosos que haviam entrado ilegalmente no país e o trabalho de Kelly para impedir “caras muito ruins” de cruzar a fronteira. “De repente, pela primeira vez, estamos expulsando deste país membros de gangues, expulsando traficantes, expulsando caras muito ruins, e em um ritmo que jamais se viu antes”, disse Trump. “É uma operação militar.”

Embora a Casa Branca e o gabinete de Kelly tivessem negado haver mobilizado as Forças Armadas, ninguém sabia ao certo o que o governo recém-empossado poderia fazer em última análise. Afinal, o decreto proibindo a entrada de refugiados e imigrantes no país tinha sido promulgado sem aviso prévio. Os comentários do presidente se tornaram boletins de notícias.

Naquele exato momento, Tillerson e Kelly estavam no hotel se preparando para seguir de comboio rumo às reuniões oficiais com os anfitriões mexicanos. Tillerson, que havia sido alertado por seu pessoal sobre as notícias em Washington, encontrou Kelly no corredor do hotel. “Você não vai acreditar no que o presidente acabou de fazer”, disse Tillerson. “Ele disse que está enviando tropas para a fronteira.” Ambos tinham consciência da catástrofe que pairava sobre eles. Os líderes mexicanos com certeza ficariam furiosos. Kelly fechou os olhos e xingou: “Ah, puta que pariu”. Trump tinha acabado de humilhar os dois em nome do show, para passar uma imagem de durão na televisão.

Tillerson e Kelly tiveram cerca de uma hora antes do horário marcado para a entrevista coletiva conjunta que dariam com Videgaray e

o ministro do Interior mexicano, Miguel Ángel Osorio Chong. Quando chegaram ao ministério para suas reuniões, os americanos encontraram os mexicanos atordoados. Videgaray perguntou: “Isso foi uma armação? Tillerson e Kelly faziam parte dessa piada?”. “Videgaray disse: ‘Mas que diabos? O que vamos fazer agora?’”, relatou uma autoridade dos Estados Unidos presente nas reuniões. “Foi muito difícil fazer com que acreditassem que não tinha sido algo planejado.”

Tillerson e Kelly insistiram em dizer que não sabiam nada a respeito. Kelly foi firme, reiterando às autoridades mexicanas que os Estados Unidos não enviariam tropa nenhuma. Ainda assim, um Osório Chong com cara de poucos amigos citou em detalhes a Constituição mexicana. “Permitam-me explicar aos senhores por que isso nunca vai acontecer”, disse o ministro do Interior, assegurando aos americanos que as leis do país dele proibiam que tropas dos Estados Unidos entrassem em solo mexicano.

Os mexicanos mantiveram a compostura, o que Kelly e Tillerson consideraram uma bênção. Deixando de lado a loucura de Trump, os líderes mexicanos pareciam estar se desdobrando para manter o foco no benefício maior: uma relação de trabalho produtiva com os Estados Unidos, quase que apesar do presidente. Assim que Kelly e Tillerson terminaram a tarefa de acalmar os ânimos nos bastidores, Kelly foi limpar a bagunça pública. “Me dê minha pasta”, pediu ele a David Lapan, seu diretor de comunicação. Kelly queria a pasta onde guardava seus comentários preparados de antemão. “Preciso fazer algumas mudanças.”

Os instintos de Kelly foram tentar corrigir o que havia sido divulgado e garantir às autoridades mexicanas e à mídia internacional que as Forças Armadas dos Estados Unidos não seriam mobilizadas como

tropas para proteger a fronteira. A coletiva de imprensa começou com cerca de vinte minutos de atraso. Kelly foi a última das quatro autoridades a falar. Ele começou celebrando o México como um aliado fundamental dos Estados Unidos no combate ao tráfico de drogas e às quadrilhas criminosas. Em seguida, levantou a cabeça e fitou a sala, tomada por jornalistas locais e pela equipe de imprensa dos Estados Unidos, todos com os microfones ligados. “Agora, há algo em que eu realmente gostaria que todos prestassem atenção, porque se trata de um aspecto frequentemente deturpado ou informado de modo errôneo pela imprensa”, disse Kelly. “Deixem-me ser muito, muito claro. Não haverá, repito, não haverá deportações em massa. Tudo o que faremos no Departamento de Segurança Interna estará dentro dos limites da legalidade, de acordo com os direitos humanos e o sistema legal dos Estados Unidos.”

Ele explicou que as deportações iam se concentrar em criminosos e enfatizou a “interação e amizade” entre o México e os Estados Unidos. Em seguida, retornou a seu argumento anterior: “Mais uma vez, ouçam, não haverá, repito, não haverá uso da força militar nas operações de imigração. Nenhum. Repito: não haverá uso militar nisso... que pelo menos metade de vocês tente entender e publicar do jeito certo, porque isso continua aparecendo nas suas reportagens”.

Kelly havia divulgado a mensagem, mas encontrou uma maneira inteligente de corrigir o presidente: repreender a imprensa, mesmo que os jornalistas estivessem apenas relatando as palavras do próprio Trump. O momento foi precursor da série de ações precipitadas do presidente com as quais Kelly teria de se confrontar.

Ele tinha uma compreensão profunda, matizada e pessoal do desespero que alimentava a migração da América Central rumo ao

norte, graças aos seus anos à frente do Comando Sul dos Estados Unidos. Embora Trump estivesse decidido a erguer um muro físico, Kelly acreditava que uma barreira física de uma costa a outra não seria a solução para travessias ilegais de fronteira. Entre quatro paredes, sob a proteção da sede do Departamento de Segurança Interna em Washington e na companhia de seus assessores de primeiro escalão, Kelly bufava de desdém diante dos pronunciamentos públicos de Trump sobre o muro. “Ah, para com isso, é besteira. Não vamos construir muro nenhum”, dizia ele. Kelly ria sozinho da promessa de Trump de obrigar o México a pagar pelo muro. Confiando em seus assessores, o secretário dizia a respeito do presidente: “Ele não tem noção do que está falando”.

3. A estrada para a obstrução

Em 1º de março de 2017, quase seis semanas depois que Trump levantara a mão direita e jurara preservar, proteger e defender a Constituição dos Estados Unidos, ele pelejou para ler em voz alta as palavras do documento fundador. Uma equipe de filmagem havia ido à Casa Branca para gravar o novo presidente lendo um trecho da Constituição. Ele escolhera por participar de uma produção da HBO porque não queria renunciar à chance de ser filmado para a história, sabendo que, como presidente no exercício do cargo, seria o personagem mais importante do documentário.

Intitulado *The Words That Built America* [As palavras que construíram os Estados Unidos], o filme tinha direção de Alexandra Pelosi, filha da líder dos democratas da Câmara, Nancy Pelosi. A ideia da documentarista era de que o país estava completamente dividido após a feia campanha de 2016, mas os documentos fundadores da nação continuavam sendo uma força unificadora das facções. Pelosi e sua equipe tinham um gancho novo e claramente bipartidário: todos os seis presidentes vivos, assim como os seis vice-presidentes, iam se juntar para ler a Constituição diante das câmeras, enquanto outras figuras políticas e atores leriam partes da Declaração de Direitos e da Declaração da Independência. Cada uma das performances seria editada para criar uma leitura vigorosa e integral dos preciosos documentos que havia mais de dois séculos uniam a nação.

Em 1º de março, Pelosi e sua equipe chegaram à Casa Branca. Trump entrou na opulenta Sala Azul, onde se preparavam, que fica no centro do primeiro andar da residência e se abre para o pórtico sul. O cômodo se distingue por suas cortinas francesas azuis e seu papel de parede dourado, e está impregnado de história. Foi onde o presidente Grover Cleveland e sua esposa trocaram votos de casamento em 1886, e a principal árvore de Natal da Casa Branca é erguida em seu centro todo mês de dezembro.

No dia da gravação, Trump parecia tenso e desconfortável. Embora tecnicamente estivesse em sua própria casa, não foi receber seus convidados. Em vez disso, ficou parado esperando que alguém se aproximasse dele. Pelosi se dirigiu ao presidente a fim de agradecer-lhe por participar daquele projeto histórico especial, mas Trump parecia não ter ideia de quem ela era; aparentemente não havia sido informado sobre sua linhagem política ou seu papel como diretora do documentário. O presidente pediu um pouco de água e, como nenhum funcionário ou assistente tivesse atendido seu pedido, Pelosi entregou a ele uma garrafa de Aquafina que tirou de sua própria bolsa. “Já estive na Casa Branca”, ela disse mais tarde, referindo-se a suas visitas a presidentes anteriores. “Sempre existem protocolos. Ali não havia regras nem protocolo.” Ela acrescentou: “Há muita coisa errada com a coisa toda. Fico pensando: não há alguém que deveria vigiar o que ele come e bebe?”.

Enquanto isso, um funcionário da Casa Branca dava a outros membros da equipe de filmagem instruções sobre o que poderiam ou não fazer em relação ao presidente. A primeira regra era para o maquiador: não toque no cabelo do presidente. No rosto, passe apenas um pó leve. A instrução seguinte foi para a equipe técnica: eles

podariam deixar a iluminação um pouco mais alaranjada? O presidente preferia um brilho quente na câmera. A palavra “alaranjada” pareceu a alguns uma escolha estranha. Fora da bolha da Casa Branca, cartunistas e apresentadores de programas televisivos de fim de noite zombavam do tom perpetuamente alaranjado da pele de Trump.

Pelosi havia deixado presidentes e vice-presidentes escolherem o trecho da Constituição que queriam ler. Muitos tinham receio de ler a parte sobre regras para impeachment presidencial ou emolumentos estrangeiros. Trump selecionou a abertura do Artigo II, que trata da eleição de um presidente e o escopo de poder dele ou dela. Normalmente, seria a escolha perfeita – mas era irônica para Trump, que havia falado de seu desejo de exercer seu poder executivo no máximo grau possível, inclusive ameaçando o Congresso e desafiando o Judiciário.

Com luzes de LED acesas sobre tripés à sua frente, Trump se sentou. “O senhor tem sorte de ter pegado a parte mais fácil”, disse Pelosi em tom animado. “Fica complicado depois disso.” Mas o presidente gaguejou, tentando pronunciar as palavras na forma enigmática e pomposa com que os pais fundadores da nação haviam escrito. Trump ficou irritado. “É muito difícil de ler por causa da linguagem aqui”, disse Trump à equipe. “É muito difícil ler tudo isso sem cometer um deslize.” Ele acrescentou: “É como uma língua diferente, certo?”. O cinegrafista tentou acalmar Trump, dizendo a ele que tudo bem, podiam parar um pouco e começar de novo. Trump tentou mais uma vez, mas de novo comentou: “É como uma língua estrangeira”.

O trecho, como muitas partes da Constituição, era um pouco canhestro – um anacrônico arranjo de palavras que não fluem naturalmente língua afora. Os membros da equipe trocaram olhares,

tentando não ser óbvios. Alguns acreditavam que Trump conseguiria, mas outros estavam mais preocupados. O presidente, já irritado com seus erros, estava ficando com raiva. Deu duras em membros da equipe, acusando-os de distraí-lo. “Seu papel estava fazendo um bocado de barulho. Já é difícil o suficiente”, dizia Trump.

“Toda vez que ele cometia um erro, inventava algo para culpar os outros”, lembrou outra pessoa presente na gravação. “Ele nunca disse: ‘Desculpe, estou estragando tudo’. Outras pessoas faziam alguma cagada e diziam: ‘Ahhhh, me desculpe’. Elas eram humildes. Ele inventava desculpas e reclamava de barulhos que o distraíam... sem dúvida, estava culpando todos por sua incapacidade de ler o texto. Era irritante e infantil.” Ainda que a duras penas, Trump finalmente conseguiu ler tudo sem erros.

O presidente representou um nítido contraste com muitos outros leitores, como Stephen Breyer, juiz associado da Suprema Corte, que leu como se soubesse o texto completo de cor, e o senador Ted Cruz, “que conhecia o texto constitucional de cabo a rabo”, como resultado de leituras dramáticas da Constituição de que ele participava nos tempos de aluno do ensino médio, de acordo com Pelosi. “Donald Trump é uma celebridade, e veio para uma performance”, disse ela. “Ele não havia ensaiado antes. Acho que ninguém apareceria para ler a Constituição sem se preparar primeiro.”

Qualquer que tenha sido o motivo do desconforto de Trump com a leitura, em um ponto várias pessoas que assistiram à cena concordaram: ele se comportava como uma criança amuada, irritadiça, instável e rápida em atribuir a distrações misteriosas a culpa por seus erros. “Eu não esperava isso, mas senti pena dele”, disse outra testemunha. “Quando [o vice-presidente] Pence estava lendo, quando [o ex-vice-

presidente Dick] Cheney estava lendo, eu sabia que eles conheciam a Constituição. E pensei: antes de ele conseguir esse emprego, realmente deveria ter lido.”

No dia seguinte, 2 de março, o procurador-geral Jeff Sessions, um dos aliados mais leais de Trump, o homem que serviu na vanguarda da imigração e de outras políticas importantes do programa de governo do presidente, declarou-se impedido de supervisionar a investigação sobre a Rússia. Durante sua audiência de confirmação em 10 de janeiro, em resposta a uma pergunta do senador democrata Al Franken, Sessions declarou sob juramento que “não teve comunicação com os russos” durante a campanha de 2016. Ele não revelara duas conversas suas durante a campanha com o embaixador russo Sergei Kislyak, fato posteriormente divulgado em uma matéria do *Washington Post*.

Na manhã de 2 de março, o presidente se zangou com a perspectiva de Sessions se curvar à crescente pressão pública e se declarar impedido, acreditando que o procurador-geral pareceria culpado por se esquecer de uma reunião irrelevante, deixando-o desprotegido e vulnerável, o mais importante. Então o presidente chamou Don McGahn, conselheiro da Casa Branca, para insistir que impedisse Sessions.

“Sessions não tem que se declarar impedido”, berrou Trump, tão alto que as pessoas no corredor da Ala Oeste puderam entender o que ele estava esbravejando no Salão Oval. “O que quer que ele tenha dito a Franken, e daí?”

Trump estava incrédulo. “Todo mundo está dizendo agora que ele tem que se declarar impedido”, repetiu para McGahn. “Ele não precisa fazer isso!”